

Blogando a Lusofonia: Experiências em três países de língua oficial portuguesa^{1 2}

Lurdes Macedo³

Moisés de Lemos Martins⁴

Rosa Cabecinhas⁵

Resumo:

Usando como ponto de partida a cartografia do ciberespaço de língua portuguesa apresentada por Macedo, Martins & Macedo (2010), circunscrita a dispositivos de comunicação *online* dedicados a temáticas relacionadas com identidade(s) e memória(s) lusófona(s), selecionámos quinze blogues de Brasil, Moçambique e Portugal (cinco de cada país), com o objetivo de identificar os entendimentos que os seus autores apresentam sobre a lusofonia. Os resultados revelaram uma diversidade de significados e de representações sobre esta comunidade de cultura(s).

Palavras-chave: Lusofonia; blogosfera; diversidade; diálogo cultural; multiculturalismo.

Abstract:

Starting from the Portuguese language cyberspace cartography, introduced by Macedo, Martins & Macedo (2010), restricted to online communication forms concerned about lusophone identities and memories, we selected fifteen blogs from Brazil, Mozambique and Portugal (five for each country) to identify which are their authors understandings about lusophony. The results expose the meanings and the representations of diversity about this community of culture(s).

Key words: Lusophony; blogosphere; diversity; cultural dialogue; multiculturalism.

¹ Artigo desenvolvido no âmbito do projeto de investigação “Narrativas identitárias e memória social: a (re)construção da lusofonia em contextos interculturais”, financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (PTDC/CCI-COM/105100/2008).

² Os autores agradecem o precioso contributo de Renné Oliveira França e de Francine Oliveira (Brasil) e de Ouri Pota e João Feijó (Moçambique) na realização das entrevistas aos bloguistas.

³ CECS – Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade da Universidade do Minho.
E-mail: mlmacedo71@gmail.com

⁴ CECS – Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade da Universidade do Minho.
E-mail: moisesm@ics.uminho.pt

⁵ CECS – Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade da Universidade do Minho.
E-mail: cabecinhas@ics.uminho.pt

1. Sobre lusofonia

A comunidade de cultura(s) que constitui a lusofonia aborda um espaço fragmentado, disperso por várias latitudes e longitudes do globo, no qual habitam cidadãos de diversos grupos étnicos e com diferentes modos de vida. A lusofonia configura-se, por isso mesmo, como “uma construção extraordinariamente difícil” (Sousa, 2006: 9), uma vez que pode ser entendida à luz de uma pluralidade de significados e de representações resultantes da experiência de cada um dos povos que se exprime em língua portuguesa.

Para uma melhor compreensão desta complexa comunidade de cultura(s), é importante tomar como ponto de partida o facto de uma parte dos cidadãos que falam, pensam e sentem em português não atribuir qualquer significado especial à ideia de lusofonia. A ideia de que em outros países do mundo existem milhões de pessoas que partilham a mesma língua e algumas das formas de cultura, simplesmente, não faz parte dos seus quotidianos. Este estado de coisas dever-se-á não só à enorme distância geográfica que separa os oito países de língua oficial portuguesa e as suas inúmeras diásporas espalhadas pelo mundo, como também a uma história pós-colonial na qual cada um destes países se posicionou estrategicamente noutros sistemas políticos, económicos e culturais que não o do espaço lusófono.

Em segundo lugar, deveremos considerar que, entre aqueles para quem a ideia de lusofonia representa motivo de reflexão, é possível encontrar os mais diversos entendimentos.

1.1. O equívoco lusocêntrico

Começemos pelo entendimento que propõe a lusofonia como uma espécie de prolongamento simbólico do período colonial ou como, no dizer de Martins (2011), um *espaço de refúgio imaginário* e de *nostalgia imperial*, ideias que colocam Portugal no epicentro da ideia de lusofonia. Este *equívoco lusocêntrico* (Martins, 2011) tem persistido para além da independência das várias nações de língua oficial portuguesa, ameaçando o desenvolvimento de uma ideia pós-colonial de lusofonia enquanto comunidade de (múltiplas) cultura(s).

A este tipo de equívoco não é alheio o facto de a história do império colonial português conhecer várias versões: a do ex-colonizador e as dos ex-colonizados. Como observa Pedreira (2000), no caso da história colonial que coloca Portugal em relação com o Brasil, a tentativa de encontrar uma perspetiva comum, entre os historiadores dos dois lados do Atlântico, falhou. O mesmo acontece em relação à história que ligou Portugal a África durante o império colonial. Neste caso, especificamente, a diferença entre as várias versões da história foi acentuada pela glorificação do império levada a cabo pelo governo português durante o período do Estado Novo (Cunha, 2001; Neves, 2009) e pelas guerras coloniais – em Angola, em Moçambique e na

Guiné-Bissau – que, durante mais de uma década, antecederam a independência dos países africanos de língua oficial portuguesa. Paez & Liu (2011) referem que este tipo de conflito constitui-se como evento fundacional nas narrativas de afirmação das identidades nacionais, sobretudo quando as representações da guerra são associadas à memória redentora do sofrimento de um povo.

É assim que o *equivoco lusocêntrico* se consubstancia em duas ideias que não são mais do que as duas faces da mesma moeda: por um lado, a crença numa relação supostamente privilegiada de Portugal com as ex-colónias – ou seja, a crença num certo império para além do império que “ajude [os portugueses] hoje a sentirem-se menos sós e mais visíveis nas sete partidas do mundo” (Martins, 2006: 80) – que persiste nos setores mais conservadores da sociedade portuguesa e em certos discursos políticos e culturais; e, por outro lado, a ideia disseminada entre as elites das esferas africanas e brasileira de que a lusofonia serve apenas os interesses de Portugal em manter uma espécie de supremacia pós-colonial sobre os restantes países onde se fala o português.

Trata-se, portanto, de um entendimento da lusofonia que assenta na memória histórica do império colonial português, colocando em tensão os vários povos que constituem esta comunidade de cultura(s).

Esta tensão foi acentuada pela história dos movimentos migratórios realizados dentro da Comunidade de Países de Língua Portuguesa (CPLP), nomeadamente daqueles que conduziram cidadãos dos países outrora colónias à antiga metrópole. É Feldman-Bianco (2007) quem nos relembra que tensões como as desencadeadas pelo tratamento discriminatório dado pelo governo português aos imigrantes brasileiros, durante os primeiros anos da década de 90 do século passado, levaram a uma espécie de reinterpretação do passado colonial. Dos dois lados do Atlântico, este assunto mereceu a atenção dos *media*, quer através de cobertura noticiosa, quer através da publicação de artigos e de *cartoons* que caricaturavam “o outro” sob o espectro de estereótipos negativos.

Também Estrela (2011) traz à luz a questão das condições de vida dos imigrantes lusófonos em Portugal. Tendo por ponto de partida a mobilização dos moradores de um bairro degradado e periférico dos arredores de Lisboa – maioritariamente imigrantes oriundos dos vários países lusófonos – após a decisão camarária de despejo coletivo, o autor questiona a legitimidade das instituições democráticas quando estas impedem a participação dos cidadãos na tomada de decisões. Na sua análise, Estrela destaca o comportamento discriminatório do executivo camarário perante os pedidos de audiência e perante a participação nos plenários da Assembleia Municipal por parte de cidadãos maioritariamente excluídos do mercado eleitoral. O autor nota, ironicamente, que o mesmo executivo havia promovido geminações com municipalidades em vários países de língua portuguesa.

Mais recentemente, o *equivoco lusocêntrico* tem gravitado em torno de um novo eixo: o Acordo Ortográfico. Um estudo conduzido por Carvalho & Cabecinhas (2010) dá-nos conta de como a assumpção deste acordo é percecionada como uma submissão

do português falado no país de onde a língua é originária em relação ao português “pervertido” falado numa ex-colónia (o Brasil) e, conseqüentemente, como uma ameaça à identidade nacional por parte de estudantes portugueses. Ao mesmo tempo, alguns jornalistas, escritores e académicos em Portugal recusam-se expressamente a adotar o Acordo nos seus escritos, sendo estes difundidos muitas vezes no cenário mediático.

Todas as tensões que alimentam o *equívoco lusocêntrico* mais não fazem do que estilhaçar as possibilidades de formação de uma consciência coletiva em torno da utilização da língua portuguesa, ditando o permanente adiamento de uma comunidade cultural da lusofonia, com conseqüentes perdas recíprocas no contexto de uma globalização de sentido único, ou seja, no contexto da *americanização do mundo* (Beck, 2006).

1.2. Língua, identidade e poder

A lusofonia pode ser também entendida como um ponto de confluência de identidades distintas e dispersas em diferentes momentos e em diferentes espaços (Cunha, 2010). Trata-se de uma perspectiva que enfatiza as diversas identidades locais, regionais e nacionais presentes no espaço de língua portuguesa, mais do que uma identidade transnacional capaz de consubstanciar a lusofonia. Este entendimento da lusofonia afigura-se problematizante, sobretudo se atendermos à ideia de Dolby (2006) de que a identidade é formada e expressa-se, simultaneamente, a partir de relações de poder.

Se no passado, as relações de poder no espaço lusófono se exprimiram através do binómio colonizador / colonizado, hoje essas mesmas relações exprimem-se através de uma complexa e instável rede de interesses políticos, económicos e culturais (Lança, 2010).

A língua portuguesa – elemento identitário fundamental à volta do qual gravita a comunidade cultural da lusofonia – foi, durante o período colonial, uma das mais importantes expressões desse poder. É Rothwell (2002) quem se refere à língua portuguesa enquanto instrumento de dominação colonial, procurando deitar por terra a ideia propagada pelo sociólogo brasileiro Gilberto Freyre de que o processo colonial português teve características muito diferentes dos demais processos do colonialismo europeu. Com efeito, segundo o autor, as diferenças não foram assim tão significativas, se atendermos à importância da disseminação da língua enquanto forma de dominação cultural. Rothwell (idem) enfatiza que cada língua possui um conjunto de idiosincrasias que afetam e refletem o carácter do conjunto de indivíduos que a falam. Assim, a língua, em simbiose com os seus falantes, constitui-se como organizadora de pensamento e enquanto formadora de identidades. A este propósito, Ermelindo Mucanga, moçambicano nascido e crescido durante a época colonial, personagem ficcional do romance *A Varanda do Frangipani* de Mia Couto, esclarece a sua condição quando afirma: “Me educaram em língua que não me era materna. Pesava sobre mim esse eterno desencontro entre palavra e ideia” (Couto, 2006: 121).

Todavia, após a independência, a língua portuguesa continuou a ser usada como expressão de poder pelos governos dos diferentes países africanos que a adotaram como oficial. Segundo Fiorin (2010: 23) “a língua nacional tem uma função prática, expressa por seu uso na administração, no ensino, etc., e uma função simbólica, a de encarnar a nação”. Desta forma, o ensino do português junto às comunidades do interior e a escolarização das crianças em língua portuguesa foram (e são-no ainda), como bem observa Cortesão (2010), instrumentos de coesão de forma a unificar identidades dispersas pelas diferentes etnicidades que compõem a população de cada um dos países africanos de língua oficial portuguesa. Apesar destes esforços, a persistência da utilização das línguas e dos dialetos autoctones nestes países conduz-nos à conclusão de que “a língua portuguesa não era uma língua nacional mas uma língua de unidade nacional” (Lança, 2010).

Todos estes factos que evidenciam o uso da língua enquanto instrumento de dominação, bem como enquanto organizadora de um determinado modo de falar, pensar e sentir vêm legitimar a ideia de Butler (2000) de que a identidade é sempre um projeto hegemónico. No período colonial, assim como no tempo presente, o uso da língua portuguesa constituiu e constitui um exercício de expressão de poder em busca da afirmação de uma identidade nacional, transnacional ou até mesmo global.

Durante a última década, tem sido o Brasil a afirmar a língua portuguesa no mundo, processo que teve a sua génese no facto de o seu ex-presidente, Lula da Silva, não saber falar corretamente qualquer outro idioma. Sendo o líder de uma das potências emergentes e colhendo um prestígio internacional nunca antes alcançado por outro político brasileiro, Lula dirigiu-se ao mundo, durante os mais importantes encontros políticos, discursando em português de forma natural e descomplexada. Namburete (2006: 106) observa que “[no contexto da globalização] da mesma forma que os países mais desenvolvidos dominam os mercados remetendo os países subdesenvolvidos para a condição de dependentes, as línguas mais poderosas também dominam as mais fracas”.

Assim se abriu um precedente que permitiu não só à língua portuguesa, como também aos povos que a falam, um novo tipo de afirmação identitária num tempo de interdependência global. Seguindo o exemplo do seu antecessor, a atual presidente brasileira, Dilma Rousseff, não tem dispensado a utilização do português em todos os discursos que profere nos palcos da política internacional. Atento a esta tendência, Fradique de Meneses, presidente de São Tomé e Príncipe até setembro de 2011, passou a utilizar a língua portuguesa em todas as suas intervenções políticas fora do espaço da lusofonia.

Também em setembro de 2011, foi possível observar Pedro Passos Coelho, primeiro-ministro português, discursando na sua língua materna, durante uma assembleia da Organização das Nações Unidas (ONU). Mais recentemente, em novembro de 2011, Cavaco Silva, presidente da República Portuguesa, iniciou o seu discurso no Conselho de Segurança da ONU assumindo que iria falar numa das línguas em maior expansão no mundo: o português. Aludindo ao facto de se tratar da sexta lín-

gua mais presente no planeta em número de falantes, o presidente português reclamou para a língua de Camões, de Guimarães Rosa e de Pepetela o merecido estatuto de língua oficial da mais influente organização do nosso tempo.

Certo é que a partir da emergência do Brasil enquanto potência económica no plano global, se tecem novas redes de influência e de poder no contexto do espaço lusófono. Incertas são, todavia, as consequências desta nova ordem na reconfiguração da(s) identidade(s) deste mesmo espaço, o que nos deixa este segundo entendimento da lusofonia claramente em aberto.

1.3. O mosaico mágico

Para outros, ainda, a lusofonia pode ser entendida como um *mosaico mágico* (Brito & Hanna, 2010) que produz sentido para 240 milhões de cidadãos espalhados pelo mundo, constituindo-se, deste modo, como uma comunidade de cultura(s) em permanente (re)construção.

Partindo do princípio de que a identidade está sempre incompleta (Butler, 2000), este entendimento procura enfatizar e compreender o cruzamento das diferentes culturas lusófonas num tempo marcado pela globalização. É nesta contemporaneidade na qual o binómio espaço / tempo se reconfigura, criando novas oportunidades de comunicação e de mobilidade aos cidadãos, que a interpenetração de culturas no espaço da lusofonia parece acentuar as vivas cores deste complexo mosaico: portugueses passaram a comer picanha, moqueca, cachupa ou moamba, assim como brasileiros e angolanos passaram a degustar vinhos do Douro e do Alentejo; o famoso realizador brasileiro Fernando Meirelles adaptou ao cinema uma obra do não menos famoso escritor português José Saramago (mais querido e reconhecido no Brasil do que em Portugal); as mortes do pintor moçambicano Malangatana e do escritor e cineasta angolano Ruy Duarte de Carvalho enlutaram cidadãos de todos os países de língua portuguesa, enquanto o reservado estado de saúde de Cesária Évora⁶, diva da música cabo-verdiana, preocupa cidadãos lusófonos espalhados por todo o mundo. Ao mesmo tempo, o moçambicano Mia Couto e os angolanos Agualusa, Pepetela e Manuel Rui tornaram-se referências incontornáveis da literatura lusófona em Portugal e no Brasil.

É nesta combinação entre o moderno e o tradicional, nestas trocas culturais e na produção das mais diversas mestiçagens que Brito & Hanna (2010: 78) observam “a preferência pelo hibridismo, pela mistura, pelo cruzamento de fronteiras culturais e identitárias”, resultantes de um diálogo transnacional entre cidadãos lusófonos no contexto da globalização.

A este diálogo não são alheios os novos trânsitos e movimentos migratórios no espaço lusófono que se têm vindo a transformar e a intensificar nas mais diversas

⁶ Cesária Évora veio a falecer no dia 17/12/2011, já após a conclusão deste artigo (Nota dos Editores).

direções. Exemplos disso são os congressos científicos lusófonos ou as provas desportivas lusófonas que têm lugar nos mais diversos espaços da lusofonia, bem como o recrudescimento da apetência para a procura de novas experiências de estudo, de trabalho e de vida em outros países de língua portuguesa por parte de jovens que falam, pensam e sentem neste idioma.

O cenário que envolve o *mosaico mágico* nos nossos dias parece afigurar-se, deste modo, favorável à prossecução da ideia de espaço cultural da lusofonia apresentada por Martins (2006: 81): “a comunidade e a confraternidade de sentido e de partilha comuns só podem realizar-se pela assunção dessa pluralidade e dessa diferença e pelo conhecimento aprofundado de uns e de outros”.

Encontramos, então, condições para dissociar este entendimento da lusofonia do carácter exclusivamente sentimental que lhe possa ser atribuído. Com efeito, a magia do *mosaico* consubstancia-se também nas dimensões económica, política, social e cultural presentes no quadro de interdependência global em que vivemos nos dias de hoje.

Tal como observa Rothweel (ibidem), a principal diferença entre os processos de projecção da língua portuguesa e da língua inglesa encontra-se no tipo de argumentos utilizado para lhes conferir importância. No caso da primeira recaem, sobretudo, argumentos de carácter sentimental; no caso da segunda recaem, predominantemente, argumentos de natureza económica. O autor repara que este estado de coisas tem prejudicado a afirmação da língua portuguesa, uma vez que o excesso de sentimentalismo conduziu alguns autores lusófonos à confusão entre os conceitos de língua e de pátria. Esta confusão nem sempre é bem interpretada nos diferentes espaços da lusofonia pois, como bem sabemos, a língua portuguesa é uma língua falada em muitas pátrias. Trata-se, pois, de uma confusão que coloca em risco a ideia de lusofonia enquanto comunidade de (múltiplas) cultura(s) por revesti-la de um *imaginário único* (Martins, ibidem) e não de todas as vivas cores e diferenciadas formas – ou seja, dos imaginários angolano, brasileiro, cabo-verdiano, guineense, moçambicano, português, são-tomense e timorense – que compõem o *mosaico mágico*.

É assim que este último entendimento da lusofonia – despido de excessos de sentimentalismo e de dispensáveis patriotismos – procura unir e ao mesmo tempo diferenciar as culturas lusófonas num manifesto *caldo cultural*, ao qual se refere o angolano Luandino Vieira (Cf. Brito & Hanna, ibidem), em permanente (re)construção.

2. Sobre a blogosfera

A redução dos preços do material eletrónico e informático, conjugada com o constante melhoramento dos seus desempenhos, levou a que nas últimas décadas tivéssemos assistido à rápida disseminação do seu uso nos mais diversos domínios da experiência humana. Ao mesmo tempo, a convergência de redes informáticas e de tele-

comunicações, o desenvolvimento de meios de gestão e de distribuição de informação, bem como a possibilidade de estabelecer ligação, em tempo real e a baixo custo, entre espaços físicos geograficamente distantes, criou um novo ecossistema comunicacional que tem vindo a transformar a nossa contemporaneidade (Webster, 1999).

Este novo ecossistema comunicacional colocou à disposição de todos os seus agentes um espaço de interação virtual, infinito e sem fronteiras, que não encontra paralelo em nenhum outro tempo da história: a internet. Esta ideia é sancionada por Becker & Wehner (2001), quando afirmam que a emergência da internet causou uma transformação inédita nos sistemas de comunicação já que este novo *medium* eletrónico, quando comparado com os *media* tradicionais, oferece acesso a todo o tipo de informação, bem como oportunidades de comunicação à escala global, de forma rápida e relativamente barata.

A internet criou ainda a possibilidade de publicar pontos de vista, ideias e comentários sem restrições de espaço ou de tempo e sem depender do apoio de qualquer organização, o que permitiu que qualquer internauta pudesse tornar-se num editor. Esta independência em relação ao sistema mediático tradicional, aos partidos políticos e a outros poderes institucionais, produziu enormes expectativas quanto às consequências sociais deste novo *medium* no que se refere à reestruturação da esfera pública, levando Becker & Wehner (*idem*) a falar de uma *revolução da internet*.

2.1. A blogosfera como espaço de transformação cultural

Barlow (2008) particulariza esta ideia quando refere que os blogues, enquanto novo fenómeno cultural, representam mais as necessidades da sociedade do que a realização de uma possibilidade tecnológica. O autor nota que dispositivos de comunicação como os blogues possibilitaram a expressão de ideias por parte de cidadãos comuns que, assim, viram ampliado o seu campo de ação, sem terem de passar pelos filtros dos editores. É neste ecossistema comunicacional que emerge um poder gigantesco que escapa à autoridade das elites dos media, uma vez que, como bem observa Cross (2011), gente talentosa e criativa – a quem nunca tinha sido dada voz – passa a ter lugar na cultura de massas, promovendo as suas ideias fraturantes e até os seus sonhos.

A primeira geração da Web já permitia aos seus utilizadores a publicação de conteúdos. Todavia, a Web 2.0 foi bem mais longe, desenvolvendo serviços que permitiram partilhar conteúdos e usar os seus dispositivos como plataformas, criando novas possibilidades nos processos de comunicação *online*. Foi neste ecossistema comunicacional cada vez mais complexo que, em agosto de 1999, Evan Williams e Meg Houriham lançaram o projeto *Blogger*. Fruto de uma semana de trabalho de programação, o *Blogger* pretendia constituir-se como um ambicioso software de colaboração em grupo e mais concretamente como uma ferramenta livre e gratuita de criação e manutenção de weblogs. Não sendo à época uma ferramenta pioneira ou

sofisticada, como repara Rosenberg (2009), foi todavia um caso de sucesso imediato, por permitir que qualquer pessoa pudesse criar o seu blogue e publicar as suas ideias, sem qualquer dificuldade. Esta é uma das razões apontadas por vários autores para o rápido crescimento do número de blogues, bem como para a sua imensa popularidade.

A este propósito, Rettberg (2008) relembra-nos que para blogar basta abrir uma conta num dos serviços online, como por exemplo o *Blogger*, e hospedar o blogue no seu servidor. Os passos seguintes são também muito simples: escolher um nome e um *template* para o blogue e começar a escrever os *posts*. Esta facilidade técnica, segundo Lovink (2008), tornou o ato de blogar ainda mais sedutor e contagiante.

Daí que, no espaço de uma década, a disseminação popular dos blogues tenha colocado à disposição dos internautas um novo universo de informação que resulta de um híbrido entre a publicação tradicional e a mensagem eletrónica. Outra característica da informação produzida na blogosfera é o facto de esta permitir, como observa Coady (2011), uma relação de interação. Com efeito, a blogosfera encoraja os consumidores de informação a tornarem-se também produtores. Rosenberg (*idem*) afirma que por todas estas razões este tipo de informação ganhou, rapidamente, a simpatia de muitas mais pessoas do que os seus primeiros entusiastas alguma vez puderam imaginar. A título de exemplo, nos Estados Unidos, no ano de 2008, entre o total de utilizadores da internet, 31% seguiam e 12% produziam blogues (Pew Internet Report, 2008).

Assim, a blogosfera – ou seja, a esfera virtual onde se encontram instalados todos os blogues – por se apresentar como um espaço de discussão livre, capaz de gerar polémica e de atrair uma parte significativa das audiências da internet, constitui-se como um interessante campo de investigação na área dos novos media. Se a forma como as pessoas comunicam determina o modo como pensam, vivem e se comportam, tal como propôs McLuhan (1964), deveremos colocar a hipótese de estarmos a viver um dos momentos mais excitantes da história da comunicação (Anderson & Dresselhaus, 2011) e questionarmo-nos também se não estaremos perante uma monumental transformação cultural (Cross, *idem*).

2.2. A blogosfera pode transformar os significados da lusofonia?

A este propósito, Lovink (*idem*) repara que apesar do *empowerment* da Web 2.0 ser evidente, e de os blogues terem transformado o mundo de muitas maneiras, a questão que se coloca com maior pertinência não é identificar, mas antes interpretar as transformações a si associadas.

Partindo deste princípio, e cruzando-o com a ideia de lusofonia à qual se prestou atenção no início deste trabalho, interessa agora compreender de que forma a blogosfera tem vindo a transformar o entendimento sobre a comunidade de cultura(s) da qual fazem parte todos cidadãos que falam, pensam e sentem em português. Esta

questão afigura-se pertinente, uma vez que, no nosso tempo, a comunicação entre cidadãos lusófonos “ficou facilitada não só pelo fator identitário que a língua em comum por si só constitui, como também pelo fator tecnológico que determina um novo paradigma comunicacional: a sociedade em rede” (Macedo, 2009: 195).

Efetivamente, entre o final do século XX e o tempo presente, surgiram na internet milhares de blogs e de outros dispositivos escritos em língua portuguesa, tendo-se esta tornado numa das mais presentes na *World Wide Web*. A este propósito, Macedo, Martins & Macedo (2010) colocam em evidência os números apresentados pela *Internet World Stats*. Em junho de 2010, este novo *medium* era utilizado por 1 966 514 816 de pessoas em todo o mundo. Os utilizadores lusófonos eram, aproximadamente, 82 548 200, representando a quinta comunidade linguística com maior presença no ciberespaço, à frente dos utilizadores falantes de alemão, de árabe, de francês ou de russo. Estes números são ainda mais expressivos, se atendermos ao facto de o espaço lusófono apresentar elevados níveis de infoexclusão (Macedo, Cabecinhas & Macedo, 2011), o que afasta muitos dos seus cidadãos do ecossistema comunicacional que caracteriza a nossa contemporaneidade.

Para que possamos extrair algumas conclusões sobre a questão colocada, há que perceber se os conteúdos escritos em português acessíveis na blogosfera produzem algum tipo de efeito sobre a consciência coletiva de uma comunidade cultural lusófona. Por outras palavras, devemo-nos questionar sobre o que é que a emergência e a utilização da blogosfera em língua portuguesa acrescentam à experiência da lusofonia.

A escassez de estudos que nos deem conta desta realidade conduziu-nos à realização de uma investigação empírica que teve como ponto de partida a primeira cartografia do ciberespaço lusófono (Macedo, Martins & Macedo, *idem*), composta por 348 blogs e sites dedicados a temáticas relacionadas com identidade(s) e/ou memória(s) dos oito países de língua oficial portuguesa.

3. Sobre a lusofonia na blogosfera: desenho de uma metodologia de investigação

Desta cartografia, selecionamos quinze blogs de três países lusófonos que representam realidades bem distintas: o Brasil, gigante sul-americano com quase 200 anos de história pós-colonial, em franco crescimento económico, o que lhe confere hoje o estatuto de potência emergente; Moçambique, um dos países mais pobres do mundo, situado na África austral e independente desde 1975; Portugal, ex-potência colonial, hoje país europeu pequeno e periférico, apresentando-se contudo com os melhores indicadores de desenvolvimento entre o conjunto dos países de língua oficial portuguesa.

Os critérios que presidiram à seleção dos quinze blogs, cinco por cada país, para a realização de estudos de caso foram os seguintes: ser escrito a partir do Brasil, de Moçambique ou de Portugal; versar sobre um destes países ou conjugar na sua abordagem um destes países na relação com outro(s) país(es) lusófono(s); produzir

reflexões direta ou indiretamente relacionadas com questões de lusofonia, nomeadamente sobre identidade, memória social, relações interculturais, colonialismo, período pós-colonial, etc.; gerar interatividade e debate entre os participantes (que podem funcionar como grupos de discussão); conter um rol de elos que permita a análise de redes de relacionamento e de sociabilidade (o que fornece muita informação sobre a construção das próprias identidades); ter sido atualizado com alguma frequência, nomeadamente em 2010, ano a que reporta o início desta investigação.

O facto de termos optado por um tipo de investigação multimétodo – estudos de caso que compreenderam uma abordagem qualitativa com a realização de entrevistas a bloguistas, aos seus colaboradores e aos seus seguidores, com análise de conteúdo de *posts* e com análise de imagens, bem como uma abordagem quantitativa com o estudo estatístico das visitas recebidas pelos blogues – impediu o alargamento da nossa amostra a outros países representados na cartografia do ciberespaço lusófono.

Os cinco blogues selecionados em cada um dos três países de referência – Brasil, Moçambique e Portugal – bem como o perfil sócio-demográfico dos seus autores, são apresentados sucintamente no Quadro 1. De referir que, desde o início desta investigação, dois dos blogues evoluíram para o formato de site, um no Brasil e outro em Portugal.

País	Denominação	Nacionalidade do autor / relação com outros países lusófonos	Residência do autor	Sexo do autor	Idade do autor	Profissão do autor
Brasil	Cultura Brasil - Portugal	Brasileira, emigrante em Portugal	Lisboa, Portugal	F	32	Jornalista (cultura)
	Lusofonia Horizontal	Brasileiro luso-descendente, ex-estudante em Portugal	São Paulo, Brasil	M	32	Prof. Universitário
	Revista de Lusofonia	Dupla nacionalidade (português e brasileiro)	São Paulo, Brasil	M	84	Prof. Universitário, jornalista (aposentado)
	Trezentos	Brasileiro	São Paulo, Brasil	M	50	Prof. Universitário
	Todos os fogos o fogo	Brasileiro	Rio de Janeiro, Brasil	M	33	Prof. Universitário, jornalista
Moçambique	B'andhla	Moçambicano	Maputo, Moçambique	M	34	Prof. Universitário
	Contrapeso 3.0	Moçambicano, trabalha regularmente em Angola	Maputo, Moçambique	M	32	Consultor de comunicação
	Ma-schamba	Português, emigrante em Moçambique	Maputo, Moçambique	M	47	Prof. Universitário (Antropologia)
	Rabiscando Moçambique	Moçambicano, trabalha regularmente em Angola	Maputo, Moçambique	M	31	Economista
	Ximbitane	Moçambicana	Maputo, Moçambique	F	35	Prof. Universitária
Portugal	Alto Hamã	Português, nascido em Angola	Matosinhos, Portugal	M	57	Jornalista (política internacional)
	BUALA – Cultura contemporânea africana	Portuguesa, ex-emigrante em 4 PALOP	Lisboa, Portugal	F	35	Jornalista (cultura)
	Etnias: o históri da sociedade	Portuguesa, nascida em Moçambique	Lisboa, Portugal	F	34	Consultora de política internacional
	Luz Graça & Camaradas da Guiné	Português, ex-combatente na Guiné	Lisboa, Portugal	M	64	Prof. Universitário (Sociologia)
	Outro Portugal	Português	Lisboa, Portugal	M	52	Prof. Universitário (Filosofia)

Quadro 1 – Blogues selecionados, sua proveniência e perfil sociodemográfico dos autores

Ao longo da realização dos estudos de caso, foi recolhido um manancial de informação que excede claramente os objetivos desta investigação. Por isso, não se configura oportuno apresentar neste trabalho todos os resultados obtidos. Assim, apresentar-se-ão, exclusivamente, os resultados da análise preliminar ao conteúdo

de *posts* destes quinze blogues, bem como os resultados relativos à componente sobre os significados da lusofonia das entrevistas realizadas, entre janeiro e abril de 2011, aos quinze bloguistas.

4. Blogando a lusofonia

4.1. Quem bloga a lusofonia?

Os bloguistas entrevistados concederam-nos algumas informações que nos permitem traçar o seu perfil sócio-demográfico. Acreditamos que este tipo de informação poderá ter relação com os entendimentos da lusofonia revelados pelos autores nos *posts* que publicam bem como durante as entrevistas. A informação sobre o perfil sócio-demográfico dos autores, nomeadamente a que se refere à idade, ao sexo, à profissão, à nacionalidade e às migrações dos autores, foi apresentada no Quadro 1.

Dos quinze interlocutores entrevistados, onze são homens e quatro são mulheres (uma brasileira, uma moçambicana e duas portuguesas).

Quanto à sua faixa etária, esta amostra de bloguistas tem num moçambicano de 31 anos, o seu representante mais jovem e num português/brasileiro, o seu representante mais idoso, com 84 anos. Todavia, de entre os quinze indivíduos que compõem esta amostra, nove têm uma idade compreendida entre os 31 e os 35 anos. Destes nove bloguistas mais jovens, quatro são autores de Moçambique, três do Brasil e dois de Portugal. Ainda, entre estes nove, contam-se as quatro mulheres acima referidas.

Os restantes seis autores têm idades compreendidas entre os 47 e os 84 anos, sendo todos do sexo masculino. Curiosamente, podemos observar no Quadro 1 que quatro destes bloguistas menos jovens são de nacionalidade portuguesa (embora um seja autor de um blogue moçambicano), um possui dupla nacionalidade (portuguesa e brasileira) e apenas um é de nacionalidade brasileira.

A partir destes dados poderemos concluir, no que se refere à nossa amostra, que a presença feminina, para além de sub-representada em relação à presença masculina, é sobretudo uma presença de mulheres jovens.

Quanto à presença masculina, trata-se de uma presença mais diversificada quanto à faixa etária. Entre os onze homens entrevistados, cinco são jovens adultos (entre os 31 e os 35 anos) e seis são indivíduos mais velhos (entre os 47 e os 84 anos).

Cruzando a faixa etária dos autores com a proveniência dos dispositivos de comunicação estudados, é possível afirmar que é em Moçambique que encontramos os bloguistas mais jovens: quatro com idades compreendidas entre os 31 e os 35 anos e um com 47 anos (este último de nacionalidade portuguesa, mas residente no país há muitos anos). Quanto ao Brasil, encontra-se uma tendência para os autores serem um pouco mais velhos: três têm idades compreendidas entre os 32 e os 35 anos, um tem 50 anos e outro tem 84 anos (este último nascido em Portugal, mas residente no

país há mais de 50 anos, tendo obtido dupla nacionalidade). Já em Portugal, a idade dos autores tende a ser mais elevada, uma vez que encontramos duas mulheres com idades compreendidas entre os 34 e os 35 anos e três homens com 52, 57 e 64 anos.

Esta nossa amostra, constituída sem pretensões de representatividade, ilustra bem uma tendência observada no ciberespaço lusófono. Numa primeira análise, poderemos apontar que quanto mais jovem é a população do país, mais jovens são os produtores de conteúdos na Internet. Por outro lado, a presença feminina ilustra também, como já vimos atrás, a realidade social dos países em análise: são as mulheres jovens quem mais afirma a sua paridade face aos homens, neste caso, na produção de conteúdos para a web.

Será também importante analisar quais as profissões exercidas pelos autores que compõem a nossa amostra. Dos quinze interlocutores entrevistados, nove são professores universitários (entre estes, dois acumulam esta atividade com a profissão de jornalista), três são jornalistas (dois na área cultural e outro na área da política internacional), dois são consultores (uma de política internacional e outro de comunicação) e um é economista. É interessante constatar que, à exceção deste último, todos os autores se movem profissionalmente entre a comunicação, a cultura, a política internacional e o ensino destas áreas.

De referir que estes dados vêm reforçar os resultados apresentados por outros estudos que colocaram em evidência as elevadas taxas de infoexclusão no ciberespaço lusófono (Macedo, Cabecinhas & Macedo, idem; Évora & Silva, 2010).

Interessante ainda – e a partir da análise do Quadro 1 – é verificar que 2/3 dos bloguistas entrevistados tiveram ou têm uma qualquer ligação com outro país lusófono que não aquele que lhe confere a nacionalidade. Porque nasceram e cresceram noutra país de língua portuguesa, porque tiveram ou têm percursos migratórios no espaço lusófono ou porque mantêm uma parte da sua atividade profissional num país desse mesmo espaço, dez dos autores entrevistados revelaram afinidades diversas com outros países de língua portuguesa.

Estas experiências pessoais parecem influenciar a predisposição destes autores para a produção de conteúdos para a web sobre memória e identidade nos países lusófonos. Com efeito, nas experiências de comunicação interpessoal e nos media tradicionais são também as pessoas com vivência de migrações e/ou trânsitos entre os países onde se fala o português quem mais coloca a lusofonia como tema para discussão.

4.2. Blogando a lusofonia no Brasil

Nos blogues da subamostra brasileira encontram-se representações muito diversas sobre o projeto da lusofonia. A expressão de um entendimento sobre o que deve ser a lusofonia aparece explicitada em apenas um dos blogues: o *Lusofonia Horizontal*. Neste blogue, os textos do autor remetem-nos para uma ideia de lusofonia

nia pós-colonial, partilhada de forma paritária, ou horizontal, entre os vários povos que se exprimem em língua portuguesa. Desta forma, o autor apresenta a lusofonia como um projeto desejável e possível, desde que a mesma se consubstancie num sistema internacional e aberto no contexto da globalização.

Nos restantes quatro dispositivos de comunicação online brasileiros, a lusofonia é tratada de forma indireta, ou seja, os posts publicados não se referem especificamente a questões relacionadas com o entendimento dos autores sobre esta comunidade de cultura(s), mas são antes a questões sobre a história ou a atualidade que remetem para uma relação entre os povos de língua portuguesa. A título de exemplo, poder-se-ão encontrar posts sobre a vida e obra do Pe. António Vieira (primeiro intelectual luso-brasileiro), sobre a alegada nacionalidade portuguesa de Cristóvão Colombo, sobre a ajuda internacional do Brasil a países africanos de língua oficial portuguesa ou sobre aspetos da cultura brasileira herdados da cultura portuguesa.

Durante as entrevistas, três dos autores brasileiros revelaram não acreditar na lusofonia enquanto projeto cultural resultante do desejo de partilha de uma identidade comum entre povos de língua portuguesa. Aos outros dois bloguistas, a ideia de lusofonia afigura-se-lhes legítima, mas terá que ser retrabalhada. Segundo o autor de *Lusofonia Horizontal*, isto acontece porque ainda subsiste uma carga ideológica muito forte associada à ideia de lusofonia: em grande parte, esta constitui um desdobramento da ideia de portugalidade, o que não pode ser aceite por quem procura na lusofonia um sistema aberto e horizontal interligado com outros sistemas. Já a autora do site *Cultura Brasil – Portugal* concebe a lusofonia como resultado das múltiplas trocas culturais entre os países de língua portuguesa.

Todos os autores entrevistados admitem haver um grande “desconhecimento mútuo” entre os países lusófonos. Por este motivo, alguns procuram, através das suas publicações, criar “instrumentos para um melhor conhecimento” ou oferecer uma “salada cultural”. Para um dos bloguistas brasileiros esta é uma falsa questão uma vez que pensa a questão da identidade em termos sul-americanos, procurando transmitir isso mesmo aos seus leitores. Para ele, a identidade constrói-se a partir da proximidade e de afinidades, sobretudo geográficas e culturais. No seu entendimento, a riqueza da língua portuguesa não gera uma identidade; a diversidade de identidades na qual ela é falada (europeia, sul-americana, africana, asiática) é que a enriquece.

Se há dois autores que consideram que o facto de o seu blogue ou site ser escrito em português lhes traz vantagens – como a partilha cultural com outros cidadãos lusófonos e muitos seguidores espalhados pelo mundo – os outros três consideram que isso os limita. Os mesmos autores admitem que se escrevessem em inglês ou espanhol poderiam ter muitos mais seguidores. Um destes interlocutores admite que o ideal seria publicar um blogue bilingue. Contudo, todos observam que o português é uma das línguas mais faladas no mundo, embora seja uma língua sem projeção internacional.

De um modo geral, os autores do Brasil referem que a blogosfera lusófona é desigual e que em muitos dos países de língua portuguesa a internet tem uma cober-

tura fraca e à qual poucos cidadãos têm acesso. Ainda assim, todos admitem que se trata de uma blogosfera interessante, com muitos blogues de qualidade, incluindo os provenientes dos países menos desenvolvidos.

Poder-se-á concluir, a partir destes resultados, que os três entendimentos sobre o que é a lusofonia apresentados no primeiro capítulo deste artigo – o *equivoco lusocêntrico*, a língua como instrumento de poder e expressão de identidade e o *mosaico mágico* – se encontram presentes nos blogues que constituem a subamostra brasileira de formas bem diversas, embora quase sempre implícitas.

4.3. Blogando a lusofonia em Moçambique

A lusofonia e a identidade lusófona são conceitos que fazem pouco sentido para os autores dos blogues de Moçambique. Este posicionamento ficou claro quer na análise de posts destes blogues, quer nas entrevistas realizadas aos autores.

Entre os cinco blogues moçambicanos estudados, quatro deles – dedicados à atualidade do país e/ou à moçambicanidade – referem-se à lusofonia de forma sempre indireta. Um *post* sobre um cidadão moçambicano contaminado com o H1N1, em Lisboa, durante os Jogos da Lusofonia, um texto de reflexão sobre os 122 anos da cidade de Maputo, com referências à arquitetura do período colonial ou uma publicação sobre a reunião de economistas da CPLP⁷ em Maputo são exemplos de como a lusofonia é tratada pelos bloguistas moçambicanos: de forma indireta.

O blogue *Ma-Schamba*, da autoria de um cidadão português residente em Moçambique, trata a lusofonia, por seu lado, como um conceito a evitar. Tendo escrito um grande conjunto de posts nos quais se posiciona radicalmente contra esta ideia, o autor do blogue assume um estilo crítico quando em entrevista afirma “a construção da lusofonia é uma tanga”, “é lixo intelectual” ou “eu espero ter convencido pelo menos uma pessoa de que o termo é lixo”. Na base de todo o seu discurso (quer escrito, quer oral) está subjacente o entendimento de que a lusofonia procede do *equivoco lusocêntrico*, constituindo por isso uma ideia desnecessária e até perigosa.

O autor de *B'andhla*, embora não escreva *posts* nos quais exprima explicitamente os significados que atribui à lusofonia, refere em entrevista: “a reação que eu tenho com a lusofonia (...) todas as relações são na verdade relações de poder, mas a simbologia que eu particularmente atribuiria a essa relação lusófona ainda contém elementos de colonialidade (...)”. O autor prossegue a sua reflexão afirmando: “não é algo que eu diria que me identifique, talvez me identifique pela negação, pela negação dessa entidade abstrata que se está a construir politicamente, com um fim político obviamente, o de manter um legado completamente extemporâneo (...)”. Ainda sobre a lusofonia, o autor conclui: “Existe um projeto político, existe um projeto provavelmente neo-colonial, digamos assim, que se veicula pela capa do multi-

⁷ Comunidade de Países de Língua Portuguesa.

culturalismo e cuja âncora discursiva, cuja linguagem de descrição é a lusofonia”.

Deste discurso poder-se-ão extrair ideias associadas ao entendimento da lusofonia enquanto um *equivoco lusocêntrico* e do entendimento que perspetiva a língua portuguesa enquanto instrumento de poder.

Os restantes bloguistas moçambicanos admitem não pensar em questões de lusofonia porque, como refere um deles, estas “na prática, traduzem-se em nada”. Esta observação é reforçada por outro autor quando enfatiza que a lusofonia não existe e que os restantes países lusófonos não se interessam por Moçambique. Os interesses económicos levam-nos, antes, a focar a sua atenção em Angola.

Sobre o facto de os seus blogues serem escritos em português, um dos autores pensa que isso não lhe traz mais leitores e seguidores, porque os que possui são exclusivamente moçambicanos, sobretudo na diáspora. Observa ainda que a blogosfera moçambicana não interessa aos restantes cidadãos lusófonos, uma vez que estes desconhecem a realidade do país.

Com uma opinião diferente, três dos bloguistas sustentam que o facto de os seus blogues serem escritos em português lhes permite a interação com outros cidadãos lusófonos, nomeadamente brasileiros e portugueses com interesse por África. Uma autora refere, a este propósito, que ao aceder a um blogue cabo-verdiano, não conseguiu lê-lo por este se encontrar escrito em crioulo. Se por um lado, isto lhe pareceu interessante pela preservação da língua local, por outro lado, percebeu o alcance da língua portuguesa e o quanto esta pode aproximar os seus falantes. Todavia, um destes autores admite que o seu blogue teria muito mais impacto se fosse escrito em inglês ou em francês.

Curiosamente, nenhum dos bloguistas moçambicanos considera a hipótese de escrever numa das diversas línguas locais, mesmo aqueles que escolheram um nome inspirado em línguas africanas para o seu blogue.

4.4. Blogando a Lusofonia em Portugal

Dos estudos de caso realizados com blogues portugueses resultaram discursos, experiências e opiniões mais favoráveis quanto à lusofonia, apesar de a abordagem a este projeto ser muito diversa entre os cinco dispositivos *online* estudados.

O primeiro dos blogues estudado apresenta, entre outras, duas séries distintas relacionadas com a lusofonia: *Lusofonia*, onde são publicadas informações sobre os países lusófonos (geografia, demografia, economia, etc.) e *A Morte da Língua Portuguesa*, no qual se debatem os efeitos do Acordo Ortográfico. Em entrevista, a autora deste blogue refere que são estas as séries mais visitadas pelos seus seguidores, talvez devido ao desconhecimento que existe entre os países lusófonos.

Outro blogue dedica os seus *posts* à atualidade política e económica em Angola, relacionando-a muitas vezes com Portugal e com os restantes países lusófonos.

Reflexões sobre as possibilidades de um Portugal diferente, de um Portugal capaz de estabelecer pontes com outros povos e outras culturas – o que passa forçosamente pela comunidade cultural da lusofonia – é o tema dominante dos *posts* do terceiro blogue estudado.

Nesta seleção de blogues para a realização de estudos de caso, não poderia deixar de constar a memória da guerra colonial em África. Num blogue dedicado a este conflito na Guiné-Bissau, o autor e os seus colaboradores disponibilizam todo o tipo de informação sobre a Guiné do tempo colonial (memórias da guerra, cartas militares, mapas, etc.), sobre a Guiné de hoje (sobretudo sobre a atualidade do país) e sobre os (re)encontros de ex-combatentes.

O site estudado, com *posts* colocados diariamente, possui muitos textos que problematizam o conceito de lusofonia e outros tantos sobre aspetos das cultura(s) lusófona(s), nomeadamente em África.

Os significados da lusofonia revelados pelos autores portugueses entrevistados são claramente mais positivos do que os revelados pelos autores do Brasil e de Moçambique. Para um dos autores, a lusofonia constitui uma “visão armilar” do mundo, uma visão na qual Portugal e os países de língua portuguesa podem ser pontes, mediadores ou elos entre povos.

Uma outra entrevistada concebe a lusofonia no conhecimento das singularidades de cada um dos povos de língua portuguesa e não como uma cultura homogénea. É na diferença que faz sentido encontrar essa identidade e constituir essa comunidade lusófona.

A autora de um dos blogues estudados afirma que “não se deve ter vergonha ou esconder o colonialismo porque o lado mau deste período da história já passou”. O que daí restou, segundo ela, é bom: a multiculturalidade. Daí que, a mesma autora, admita que um dos seus objetivos seja incutir nos seus leitores o orgulho de ser lusófono. É possível encontrar neste discurso um entendimento próximo do mito do lusotropicalismo e a crença na suposta apetência especial dos portugueses para a multiculturalidade.

Todos os interlocutores assumem que procuram, através dos seus dispositivos de comunicação na web, fomentar a consciência coletiva de uma identidade lusófona, divulgando a(s) cultura(s) que a consubstanciam. Todavia, um dos bloguistas alerta para o facto de a lusofonia dizer muito pouco às novas gerações, referindo que, no caso português, os jovens estão cada vez mais orientados para a Europa.

Os autores portugueses admitem que a memória é uma das centralidades temáticas na edição dos seus conteúdos web. Isto é importante, segundo um dos autores, sobretudo para os países africanos, uma vez que estes possuem uma memória muito fragmentada do seu passado. Uma outra autora refere que é necessário apelar à memória que nos é dada pela história contemporânea africana se quisermos conhecer os PALOP⁸, países indissociáveis da comunidade cultural da lusofonia. Preservar e difundir o património cultural lusófono é um dos objetivos de outro dos

⁸ Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa

bloguistas, advogando este a importância de “tornar a memória presente e projetá-la no futuro”.

Estes autores consideram que a língua portuguesa é um fator de impacto positivo na divulgação dos seus dispositivos de comunicação, justificando esta sua opinião com o elevado número de falantes de língua portuguesa espalhados pelo mundo. Todavia, dois dos interlocutores, mais familiarizados com África, referem que a demografia do português está sobreavaliada, uma vez que muitos cidadãos africanos dos países de língua oficial portuguesa não dominam este idioma. Ainda assim, consideram que a língua portuguesa tem uma grande dimensão mundial e um grande alcance.

Um destes dois autores admite, contudo, que seria interessante publicar também textos em inglês e em francês no seu blogue, no sentido de chegar a mais pessoas. Outra bloguista, que começou por ter um blogue em inglês, refere ter criado o blogue em língua portuguesa por respeito aos seguidores lusófonos, tendo de seguida conquistado mais seguidores falantes de português. Por seu lado, outra entrevistada considera que os produtores de conteúdos web em língua portuguesa ainda não se deram conta do alcance que este facto pode ter “porque não se lembram que os seus textos podem ser lidos fora do seu país”. De um modo geral, estes autores veem na língua portuguesa uma língua de coesão, de cultura e de globalização.

Todos os interlocutores referiram, igualmente, possuir seguidores e/ou colaboradores de outros países de língua portuguesa, o que lhes permitiu estreitar laços com essas pessoas por via da blogosfera. Aliás, um dos bloguistas diz ser seu objetivo colocar à disposição dos cidadãos lusófonos um “ponto de encontro”. Uma das autoras entrevistadas nota que este tipo de relação potencia oportunidades de trabalho no espaço lusófono, nomeadamente convites para participar em colóquios e em exposições. Outro dos interlocutores vai ainda mais longe, opinando que o ciberespaço constitui uma espécie de realização do mito do Quinto Império, no qual uma comunidade cultural de raiz lusófona se estende a nível planetário. Atente-se numa afirmação deste autor: “Para além de portugueses, brasileiros, angolanos ou moçambicanos, somos também lusófonos e vivemos essa lusofonia no espaço virtual”. É assim que, na visão deste bloguista, o espaço fragmentado da lusofonia passa a ser um espaço unificado.

Os entrevistados portugueses, de um modo geral, revelaram uma opinião positiva sobre o material que se encontra acessível na blogosfera lusófona. Um dos autores considera mesmo que esta é “ativa, atuante e crítica”, tomando o lugar deixado em aberto pelos media tradicionais no que toca à denúncia de situações e ao debate de assuntos de interesse para os cidadãos. As discussões animadas pelas diásporas são também consideradas positivas na blogosfera lusófona. Naturalmente, estes autores encontram também material de menor qualidade, nomeadamente conteúdos nacionalistas, saudosistas, preconceituosos ou exibicionistas que nada abonam a favor da identidade lusófona.

Uma das autoras refere que isto é mais frequente em Portugal pois o acesso à blogosfera está mais democratizado. Nos restantes países, por via da infoexclusão, só as elites publicam em blogues, pelo que o material aí colocado acaba por ser mais selecionado. Retomando a questão da infoexclusão, um dos autores nota que Portugal e o Brasil acabam por ser os pilares da blogosfera lusófona, uma vez que nos restantes países esta é ainda “muito rudimentar”.

Qualquer dos três entendimentos da lusofonia apresentado previamente encontra fundamento nos blogues estudados em Portugal. Se o *equívoco lusocêntrico* está presente em pelo menos dois dos blogues, poder-se-á encontrar no site estudado um entendimento próximo do *mosaico mágico*. Já o entendimento da lusofonia que relaciona a língua portuguesa com as relações de poder e com a identidade acaba por estar presente, de modo implícito em todos os dispositivos portugueses selecionados para esta amostra.

5. Blogando a Lusofonia: linhas de conclusão

Os resultados apresentados nesta investigação revelam que os significados da lusofonia são muito diversos no ciberespaço dos três países analisados. Se nos blogues moçambicanos este significado é rejeitado ou se apresenta de forma muito indireta, nos dispositivos de comunicação web brasileiros encontramos posicionamentos mais diversos e mais difusos quanto à lusofonia. Todavia, os brasileiros entrevistados privilegiam a identidade sul-americana ou concebem a lusofonia enquanto sistema aberto e interligado com outros sistemas.

Os moçambicanos e os brasileiros entrevistados são também céticos quanto à dimensão e ao alcance da língua portuguesa, revelando que a utilização desta os limita. A escrita em inglês, espanhol ou francês, na perspetiva destes autores, permitir-lhe-ia obter um maior número de colaboradores e de seguidores, dando maior projeção aos seus textos.

Sem surpresa, são os dispositivos de comunicação *online* portugueses que apresentam, pela voz dos seus autores, representações mais positivas da lusofonia. Encontram-se aqui ideias que vão desde a comunidade multicultural plena de singularidades que dão sentido a essa mesma cultura, à realização do Quinto Império – mito proposto pelo Pe. António Vieira, por Fernando Pessoa e por Agostinho da Silva – no qual uma comunidade cultural de raiz lusófona promove o entendimento mútuo entre povos a nível planetário.

Os autores portugueses têm também representações mais positivas sobre a utilização da língua portuguesa, considerando que esta lhes oferece muitas oportunidades de partilha e de contacto.

Perante estes resultados, parece-nos fundamental refletir sobre a forma como os *posts* analisados e os discursos dos interlocutores entrevistados poderão ir de encontro aos vários entendimentos sobre a lusofonia atrás apresentados. Assim, o

equivoco lusocêntrico parece persistir nos discursos brasileiros, moçambicanos e portugueses, embora sob perspectivas diferentes. A associação da lusofonia à ideia de portugalidade, expressa em vários dos discursos de bloguistas brasileiros e moçambicanos, ou a multiculturalidade resultante do processo de colonização – conceção próxima do mito do lusotropicalismo de Gilberto Freyre – expressa por uma bloguista portuguesa, constituem-se como formas de pensar a lusofonia segundo o entendimento do *equivoco lusocêntrico*.

A lusofonia enquanto ponto de confluência entre identidades dispersas mais do que uma identidade transnacional está também presente no discurso de alguns dos autores brasileiros e moçambicanos entrevistados. Desde logo, a grande maioria destes bloguistas aponta o “desconhecimento mútuo” entre os países lusófonos como forma de validação para este entendimento da lusofonia. Alguns destes interlocutores admitem ainda que pensam a questão da identidade a partir de afinidades geográficas e culturais, mais do que a partir da questão da língua. Assim, as identidades sul-americana ou africana acabam por estar mais presentes nos seus *posts* do que a identidade lusófona.

O *mosaico mágico* encontra também o seu lugar nos discursos dos autores entrevistados. Entre os autores brasileiros e portugueses foi possível identificar entendimentos próximos desta ideia de lusofonia, quando se referem ao cruzamento das diversas culturas presentes no espaço de língua portuguesa, bem como ao seu potencial num mundo caracterizado pela globalização.

De referir que nenhum novo entendimento sobre a lusofonia foi identificado a partir desta investigação. Todavia, e embora não tenham sido encontrados resultados que indiquem que a blogosfera se configure como um espaço de transformação determinante para o projeto cultural da lusofonia, não se deverá subvalorizar o facto de a mesma reunir os vários entendimentos sobre este projeto num espaço acessível a todos os internautas que se exprimem em língua portuguesa.

Deste modo, poder-se-á concluir que o espaço virtual, ao unificar o espaço fragmentado onde se fala o português, mais não faz do que colocar os vários entendimentos da lusofonia ao alcance de um ecrã de computador. Tal como notam Gerhards & Schäfer (2010) no seu estudo sobre as diferenças da qualidade e da diversidade do debate público entre os novos media e os media tradicionais, ainda são poucas as evidências de que a internet seja realmente um melhor lugar de comunicação do que a imprensa escrita.

Por fim, dever-se-ão convocar, para além desta, outras pistas trazidas à luz por este estudo para a investigação futura: os efeitos da herança colonial e do lusotropicalismo que persistem nos discursos analisados devem merecer mais atenção do que aquela que lhes tem sido dispensada, bem como a importância de recolocar a lusofonia face a outros sistemas e a outras comunidades de cultura como reação à globalização de sentido único. Mas essas serão tarefas a desenvolver no futuro.

Bibliografia

- Anderson, K. & Dresselhaus, A. (2011) Publishing 2.0: How the Internet Changes Publications in Society, in *The Serials Librarian*, 60, pp. 23–36.
- Barlow, A. (2008) *Blogging America: the new public sphere*, Westport, CT: Praeger.
- Beck, U. (2006) *Qu'est-ce le cosmopolitisme?*, Paris: Éditions Aubier.
- Becker, B. & Wehner, J. (2001) Electronic networks and civil society : Reflections on structural changes in the Public Sphere, in Ess, C. & Sudweeks, F. (Eds.) (2001) *Culture, Technology, Communication. Towards an intercultural Global Village*, New York: State University of New York Press.
- Brito, R. H. P. & Hanna, V. L. H. (2010) Sobre identidades em contexto lusófono: reflexões, in Bastos, N. M. B. (Ed.) (2010) *Língua Portuguesa, cultura e identidade nacional*. São Paulo: EDUC, pp. 75-96.
- Butler, J. (2000) Restaging the universal Hegemony and the limits of formalism, in Butler, J., Laclan, E. & Zizek, S. (eds) *Contingency, hegemony, universality: contemporary dialogues on the left*, London and New York: Verso, pp. 11 – 43.
- Carvalho, M. & Cabecinhas, R. (2010), O Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa e a percepção de ameaça à identidade nacional, in Martins, M. L., Cabecinhas, R. & Macedo, L. (Eds.) (2010) *Anuário Internacional de Comunicação Lusófona – Lusofonia e Sociedade em Rede*, pp.189 – 201.
- Coady, D. (2011) An Epistemic Defence of the Blogosphere, in *Journal of Applied Philosophy*, 28, 3, pp. 277-294.
- Cortesão, L. (2010) Discutindo dificuldades de estabelecimento de diálogos interculturais, in *Travessias, Revista de Ciências Sociais e Humanas em Língua Portuguesa*, 10, pp.45 – 78.
- Couto, M. (2006) *A Varanda do Frangipani* (8ª edição), Lisboa: Editorial Caminho.
- Cross, M. (2011) *Bloggerati, twitterati: How blogs and Twitter are transforming popular culture*, Santa Barbara: Praeger.
- Cunha, L. (2010) Singularidades inabaláveis e convergências desejadas: discursos e políticas da lusofonia, in 13º Congresso de Língua Portuguesa / 4º Congresso da Lusofonia, 2010, São Paulo: EDUC.
- Cunha, L. (2001) *A Nação nas malhas da sua identidade – O Estado Novo e a construção da identidade nacional*, Porto: Edições Afrontamento.
- Dolby, N. (2006) Popular Culture and Public Space in Africa: the possibilities of cultural citizenship, in *African Studies Review*, 49 (3), pp. 31-47.
- Estrela, R. (2011), A Luta dos Moradores do Bairro da Torre – Cultura Democrática e Lusofonia, in *Buala, Cultura Africana Contemporânea*, 28 de maio, (www.buala.org).
- Évora, S. L. & Silva, A. L. T. (2010) Desafios das redes de comunicação e de educação No espaço lusófono: Da blogosfera cabo-verdiana à cidadania global, in Martins, M. L., Cabecinhas, R. & Macedo, L. (Eds.) (2010) *Anuário Internacional de Comunicação Lusófona – Lusofonia e Sociedade em Rede*, pp.51-59.
- Feldman-Bianco, B. (2007), Empire, Postcoloniality, and diasporas, in *HispanicResearch Journal*, 8, pp. 267-278.
- Fiorin, J. L. (2010), Língua Portuguesa, identidade nacional e lusofonia, in Bastos, N. M. B. (Ed.) (2010) *Língua Portuguesa, cultura e identidade nacional*, São Paulo: EDUC, pp. 15-30.
- Gerhards, J. & Schäfer, M.S. (2010) Is the internet a better public sphere? Comparing old and new media in the USA and Germany, in *New Media & Society*, 12, pp.143 – 160.
- Lança, M. (2010) A Lusofonia é uma bolha, in *BUALA, Cultura Africana Contemporânea*, 26 de maio (www.buala.org).
- Lovink, G. (2008) *Zero Comments. Blogging and critical internet culture*, New York and London: Routledge.
- Macedo, L. (2009) Diversidade no espaço lusófono virtual. Algumas pistas para reflexão, in Martins, M. L. & Cabecinhas, R. (Eds.) (2009) *Anuário Internacional de Comunicação Lusófona – Memória Social e Dinâmicas Identitárias*, pp.193 – 203.
- Macedo, L., Cabecinhas, R., & Macedo, I. (2011) Perspetivas sobre infoexclusão nociberespaço lusófono, in 1º Congresso Nacional sobre Literacia, Media e Cidadania, Braga: Universidade do Minho (no prelo).

- Macedo, L., Martins, M.L. & Macedo, I.M. (2010) “Por mares nunca dantes navegados”: contributos para uma cartografia do ciberespaço lusófono, in Martins, M. L., Cabecinhas, R. & Macedo, L. (Eds.) (2010) *Anuário Internacional de Comunicação Lusófona – Lusofonia e Sociedade em Rede*, pp. 11-39.
- Martins, M.L. (2006) A Lusofonia como promessa e o seu equívoco lusocêntrico, in Martins, M. L., Sousa, H. & Cabecinhas, R. (Eds.) (2006) *Comunicação e Lusofonia – Para uma Abordagem Crítica da Cultura e dos Media*. Porto: Campo das Letras, pp. 79-87.
- Martins, M. L. (2011), Globalization and Lusophone World. Implications for Citizenship, in Pinto, M. & Sousa, H. (Eds.) *Communication and Citizenship. Rethinking crisis and change*. (IAMCR Conference, 2010). Coimbra: Grácio Editor/CECS, pp. 75-84.
- McLuhan, M. (1964) *Os meios de comunicação como extensões do Homem* (4ª edição, 2006), São Paulo: Cultrix.
- Namburete, E. (2006) Comunicação na globalização: que políticas linguísticas? In Martins, M. L., Sousa, H. & Cabecinhas, R. (Eds.) (2006) *Comunicação e Lusofonia – Para uma Abordagem Crítica da Cultura e dos Media*, Porto: Campo das Letras, pp. 99-110.
- Neves, J. (2009), The Role of Portugal on the Stage of the Imperialism: Communism, Nationalism, and Colonialism (1930-1960), in *Nationalities Papers*, 37, pp. 485-499.
- Paez, D., & Liu, J. H. (2011), Collective Memory of Conflicts, in Bar-Tal, D. (Ed.) *Intergroup Conflicts and their Resolution: a Social Psychological Perspective*. New York: Psychology Press, pp. 105-124.
- Pedreira, J. M. (2000), From Growth to Collapse: Portugal, Brazil, and the Breakdown of the Old Colonial System (1760-1830), in *Hispanic American Historical Review*, 80, pp.839 – 865
- Pew Internet Report 2008.
- Rettberg, J. W. (2008) *Blogging: digital media and society series*, Cambridge: Polity Press.
- Rosenberg, S. (2009) *Say everything: How blogging began, what it's becoming and why it matters*, New York: Crown Publishers
- Rothwell, P. (2002), The problem of the Portuguese Pátria: Languagehood's Dialogic Double Agency, in *Bulletin of Spanish Studies*, 79, pp.465 – 485.
- Sousa, H. (2006) ‘Comunicação e Lusofonia: do lugar acrítico ao lugar da procura’ in Martins, M. L., Sousa, H. & Cabecinhas, R. (eds.) (2006) *Comunicação e Lusofonia – Para uma Abordagem Crítica da Cultura e dos Media*, Porto: Campo das Letras, pp. 9-14.
- Webster, F. (1999) *Theories of Information Society* (4.ª ed.), London: Routledge.